

Noites nada mornas de Dina Salústio: a oportunidade do diálogo

Maria Teresa Salgado (UFRJ)

RESUMO

A partir de alguns dos contos de *Mornas eram as noites*, da ficcionista cabo-verdiana Dina Salústio, procuro discutir, com auxílio de Walter Benjamin e Tzvetan Todorov, as declarações de algumas escritoras africanas na contemporaneidade. Refiro-me não só a Salústio, mas também a poetisas e ficcionistas africanas que testemunham sua dificuldade em assumir-se como escritoras na atualidade, reivindicando a condição de contadoras de histórias ou porta-vozes de experiências, atestando, dessa forma, uma valorização da emoção. Concluo que os contos de Salústio renovam significativamente a ficção cabo-verdiana, dramatizando a tensão entre ficção e sociedade, por meio de um narrador absolutamente comprometido com as experiências das personagens que flagra no mundo circundante – mulheres, crianças e homens desvalidos –, ao mesmo tempo em que promovem uma releitura de temas tradicionais da literatura cabo-verdiana, como insularidade, evasão e miséria.

Palavras-chave: Dina Salústio, valorização da experiência, narradora, tensão, ficcionista.

A voz de Dina Salústio destaca-se como uma das mais provocadoras da ficção cabo-verdiana do pós-independência, mas não só. A escritora navega pela poesia e pelo ensaio com maestria. Sua produção vem despertando a crítica, que afirma que ela “inaugura uma nova maneira de dizer o mundo a partir de Cabo Verde” (GOMES, 2000, p. 115).

Há mais de 10 anos, Simone Caputo Gomes, uma entusiasmada apresentadora dessa escritora, dedica artigos ao estudo de sua obra, salientando sua importância para uma reflexão sobre o papel da mulher na contemporaneidade. O entusiasmo da pesquisadora tem aumentado o número de admiradores da obra de Salústio no Brasil, gerando estudos como os de Sonia Maria Santos, que, orientada por Simone, em dissertação de mestrado, enfatizou a releitura inovadora que Salústio propõe das tradições culturais cabo-verdianas.

Abordo, aqui, apenas alguns dos contos ou crônicas de *Mornas eram as noites*, procurando salientar o comprometimento da narrativa na representação de novas subjetividades no espaço da literatura caboverdiana e africana.

Diferente de Pepetela, Mia Couto, Luandino, para citar apenas alguns dos escritores africanos que refletem sobre o seu processo ficcional e as técnicas aí envolvidas, Salústio parece não dar muito relevo ao papel de escritora, afirmando que não o considera como uma atividade separada da sua vida, como declara em entrevista concedida a Gomes em 1994: “Sou uma mulher que escreve umas coisas” ou ainda: “Não são ficção, é cá um encontro que é verdade, um momento só” (GOMES, 2000, p.114).

Embora aqueles que conhecem sua obra não tenham a menor dúvida em relação ao valor literário de seus textos e a sua verdadeira dimensão como ficção e poesia, difícil deixar de refletir sobre a concepção da criação literária que perpassa suas declarações,

bem como de algumas escritoras africanas. Escritoras que não se assumem escritoras; escritoras que parecem se “desvincular” do fazer literário para se apresentarem como porta-vozes de experiências e de sentimentos de homens e mulheres.

Tal posição não é nova na literatura e menos ainda no espaço africano. Já vimos sentimento semelhante, no depoimento de uma das primeiras vozes poéticas da literatura moçambicana. Noémia de Sousa, ao ser entrevistada por Patrick Chabal, a propósito do papel pioneiro de sua obra poética, *Sangue negro*, tentou diminuir a sua importância como escritora. Décadas depois de Noémia, Paulina Chiziane, ficcionista moçambicana, cujas narrativas já se projetaram além do espaço africano, sendo traduzidas em vários idiomas, também se negou como escritora, em diversas entrevistas, e insistiu no seu papel de “contadora de histórias”.

Sabemos que essa atitude de se negar como escritor pode fazer parte das várias estratégias que o autor emprega, seja para chamar a atenção da crítica, seja pra constituir o seu pacto com o leitor, seja por qualquer outro motivo. Se não nos cabe levar suas declarações ao pé da letra, podemos, no entanto, especular sobre possíveis relações entre seus depoimentos e suas obras. Com certeza, as produções literárias de Noémia de Sousa, Paulina Chiziane e Dina Salústio são diferentes em muitos aspectos, assim como diferem as motivações do seu negar-se como poetas ou ficcionistas. Por outro lado, a vinculação entre a experiência e a escrita, entre a vida e a obra, é um dado que parece unir essas três mulheres e talvez mereça ser mais detidamente avaliado. Não pretendo aqui sugerir uma associação simplista entre vida e obra. Parece-me, contudo, interessante, destacar o modo como essa valorização da experiência ou valorização da emoção se manifesta na obra de três escritoras de grande significação, sobretudo numa época em que se cultua tanto a figura do escritor.

Tal sentimento levou-me a refletir sobre as palavras de Todorov na introdução de *Nós e os outros*. A partir de um contato mais íntimo com as ciências sociais, esse brilhante teórico sentiu a necessidade de nutrir cada vez mais as suas pesquisas a partir de suas experiências pessoais, de suas convicções e simpatias, buscando uma ligação mais estreita entre viver e dizer. Isso não significou, em nenhum momento, menos precisão ou renúncia ao princípio da razão na abordagem das ciências humanas; significou, antes, que se recusava a eliminar o que para ele constitui a especificidade de tais ciências, a comunhão entre sujeito e objeto, entre fatos e valores. Um pensamento que não se nutrisse da experiência ou da emoção do pensador só traria satisfação às instituições burocráticas. Em resumo, diz o pesquisador: como se ocupar do humano sem tomar partido?

O modo como Salústio nutre sua escrita a partir de suas experiências pessoais é exemplar, pois cada um dos gêneros pelos quais navega ganha força justamente graças a esse envolvimento que sua escrita parece preconizar. No terreno do ensaio, por exemplo, salta aos olhos o seu sólido conhecimento da história da literatura cabo-verdiana e do sofisticado processo de criação de seus escritores. No texto “A insularidade na literatura cabo-verdiana”, por exemplo, ela faz uma sensível reflexão sobre a literatura do arquipélago e suas relações com o espaço ilhéu, levando-nos a refletir, também, sobre a integração entre vida e obra, patenteada na sua própria produção de modo tão impositivo. Eis um trecho: “... apesar de a escrita não ser um modo de ganhar a vida, o ilhéu exercia-a como modo de viver a vida, com extremo engajamento, não se dedicando exclusivamente a ela geralmente por impossibilidade de escolha” (SALÚSTIO, 1998, p. 33). A escrita torna-se, a partir dessa ótica, inevitavelmente, uma atividade de alto comprometimento.

Para Salústio, a insularidade revela-se como uma força avassaladora no universo cabo-verdiano que envolve a condição do escritor-ilhéu, sempre dominado por seu espaço, num cenário marcado pelo sentimento de isolamento, de injustiça, de solidão e

de angústia, mas também, em contrapartida, um espaço que alimenta vôos de amplitude, de desejo, de liberdade e de solidariedade, marcas tão caras à literatura cabo-verdiana que, segundo a escritora, tornam-se um legado à literatura universal, uma vez que os sentimentos de fragilidade, solidão e angústia configuram conflitos que encontram eco em qualquer parte do planeta.

Em *Mornas eram as noites*, livro de crônicas ou mini-contos escrito em 1994, percebemos em que medida esse espaço funciona como um elemento que exacerba os conflitos humanos e, por isso mesmo, pode ser visto como matéria prima passível de ser transformada para novos vôos literários ou novas representações da subjetividade na narrativa de Salústio.

A palavra morna, como aponta Simone Caputo Gomes, abre-se para muitos significados: permite-nos a associação entre prosa e poesia, uma vez que é “modalidade musical típica de Cabo Verde que veicula a poesia oral” (GOMES, 2000, p. 115). Além de ser, tradicionalmente, um canto de mulheres, muito cultuado em Cabo Verde, as mornas são verdadeiras crônicas vivas e expressivas da vida do cabo-verdiano, podendo exprimir a dor, a alegria, a nostalgia, os problemas existenciais, a esperança. Enfim, trata-se de um gênero musical de enorme plasticidade, que se diversifica em cada uma das ilhas do arquipélago. A morna é música da nacionalidade e da identidade cabo-verdiana (GOMES, 2000, p. 115); e é signo, também, pensamos, de um sentimento de ambigüidade, uma vez que a idéia de mornidão tanto pode sugerir um estado de tepidez confortável quanto uma sensação de passividade nada agradável, diante da qual é preciso reagir, diante da qual é preciso, posicionar-se, tomar partido, como sugerem quase todas as narrativas do livro.

A maior parte das curtas histórias constrói-se como instantâneos de cenas contundentes, muitas vezes angustiantes, algumas vezes bem-humoradas e outras vezes até plenas de sonho e esperança. Cenas que envolvem quase sempre mulheres, cercadas por circunstâncias sociais como a pobreza, a doença, a violência, os preconceitos, mas também flagrantes que enfocam os espaços domésticos e as sutis relações entre familiares, amigos e conhecidos. São histórias que se voltam para as mais variadas classes e tipos sociais, abraçando personagens e cenários da sociedade cabo-verdiana, revelando-nos antes de tudo um narrador comprometido ao extremo com o mundo circundante, atento e sensível aos dramas que percebe a sua volta.

Na primeira história, “Liberdade adiada”, uma mulher miserável pensa em se atirar do barranco, enquanto passam por sua cabeça os mil motivos para terminar de vez com uma vida na qual não há nada a perder. Sentimentos ambíguos de ódio e amor mesclam a paisagem ao seu corpo, tornando-os um só elemento: “Como seria o coração? Teria mesmo aquela forma bonita dos postais coloridos? Seriam todos os corações do mesmo formato? Será que as dores deformam os corações? Pensou em atirar a lata de água ao chão, esparramar-se no líquido, encharcar-se, fazer-se lama, confundir-se com aqueles caminhos que durante anos e mais anos lhe comiam a sola dos pés, lhe queimavam as veias, lhe roubavam as forças” (SALÚSTIO, 1994, p. 5). Após desistir do suicídio, a personagem corre em direção à praia onde encontrará o narrador. Foi graças a esse encontro que a estória se transmitiu ao narrador que, por sua vez, pôde recontá-la a nós leitores. E o conto termina: “Quando a encontrei na praia, ela esperando a pesca, eu atrás de outros desejos, contou-me aquele pedaço de sua vida, em resposta ao meu comentário de como seria bom montar numa onda e partir rumo a outros destinos, a outros desertos, a outros natais” (SALÚSTIO, 1994, p. 6).

O discurso indireto livre favorece o clima de completa adesão do narrador em terceira pessoa a essa personagem emblemática. A mulher da história não tem nome, pois representa, na verdade, não apenas todas as mulheres que tiveram sua liberdade adiada, mas também as crianças, os jovens, os velhos e os homens cerceados em seus

mais profundos sonhos.

Mais uma vez, a imagem do mar, tão recorrente na literatura cabo-verdiana, vem corroborar a sua força no imaginário do arquipélago. O mar, como sempre, responde à já conhecida e antiga ambivalência do ilhéu: o eterno drama entre partir ficar. Mas agora o mar responde, também, a novos desejos e expectativas; volta-se, como lemos no final do primeiro conto, “rumo a outros destinos, outros desertos, outros natais”. É preciso, portanto, fazer emergir outras vozes, que apontem caminhos e situações não exploradas no imaginário cabo-verdiano.

Não é à toa que esse primeiro conto se intitula “Liberdade adiada”. Ao denunciar a impossibilidade de realização do desejo, a narrativa termina afirmando, paradoxalmente, a sua realização. É chegado o momento de representar vozes que até então não fora enunciadas. Vozes, em primeiro lugar, de mulheres que falam das suas dores, de suas dúvidas, de suas vidas. Mas também quaisquer outras vozes que buscam conforto e o encontram na figura do narrador, que emergirá, quase sempre, como narrador-personagem, dialogando com os que até então não encontraram interlocutor, chamando e provocando o leitor a conhecer as personagens retratadas ou a nelas se reconhecer.

Em “A oportunidade do grito” (SALÚSTIO, 1994, p 7-8), a personagem-narradora faz parte de um grupo de mulheres que conversa sobre a necessidade de enfrentar os obstáculos da vida. No conto em questão, seu comentário final é a propósito do prazer de descobrir a coragem de uma das amigas, que incita a outra a desafiar até mesmo Deus. A recusa de se entregar a fatalismos, determinismos ou quaisquer outras ideologias que imponham uma camisa de força é uma tônica, por sinal, de todos contos.

Em “Campeão de qualquer coisa”, o tema é o do ser e parecer, o da ridícula necessidade de nos apresentarmos sempre como figuras de sucesso. Trata-se, como observa Simone Gomes, de uma reflexão sobre os comportamentos competitivos e mesmo agressivos que são esperados no tipo de sociedade em que vivemos (GOMES, 2000, p. 117). O conto retrata uma interessante conversa entre um homem que chega numa festa e uma mulher que o recebe, sugerindo que ele escolha um dos grupos de campeões que se distribuem pela sala. Juntos, os dois terminam analisando as máscaras que criamos para cada um de nossos personagens sociais.

Todas as micro-narrativas do livro tratam de temas já bastante explorados pela literatura: a solidão, o medo, a violência social, a miséria, a frustração dos desejos e expectativas. No entanto, por mais dolorosas que sejam as cenas aí retratadas, o saldo final é o do mergulho do narrador no texto, nutrindo-o a partir de suas experiências pessoais, não como alguém mais sábio, mas como alguém capaz de captar admiravelmente experiências e emoções, compartilhando-as com o leitor.

Com certeza, como diz W. Benjamin (BENJAMIN, 1985, p. 200) não vivemos mais em sociedades que permitem a figura do narrador como um sábio, como aquele que é capaz de dar um conselho. Mas parece ser ainda possível encontrarmos narradores que acreditam que sua tarefa é trabalhar a matéria prima da experiência, a sua e a dos outros, num produto sólido e único, como faz Dina Salústio em cenas curtas, porém contundentes. A escritora retira da sua própria experiência o que conta, incorporando o narrado à experiência de seus ouvintes-leitores.

Vale observar que a possibilidade de diálogo, instaurada em seus micro-contos, não significa nunca uma resposta para as angústias do leitor, mas antes uma sugestão para a continuação de uma história que está sendo narrada e vivida, como nos explica Benjamin (1986, p. 200). Estamos diante da opção por se ocupar do humano tomando partido. Talvez daí decorra uma das dificuldades da escritora em se assumir como ficcionista. Afinal de contas, o ficcionista contemporâneo, o chamado ficcionista pós-

moderno, nada teria a ver com a ficcionista de *Mornas eram as noites*. Pelo menos se o considerarmos, conforme sugere Silviano Santiago, como “aquele que quer extrair a si da ação narrada, em atitude semelhante à de um repórter ou de um espectador. Ele narra a ação enquanto espetáculo a que assiste (literalmente ou não) da platéia(...)” (SANTIAGO, 1989). O narrador de *Mornas eram as noites* compromete-se com seus personagens, quer dar voz às suas dores, confortá-los e até provocá-los, e não extrair-se da ação narrada.

As histórias de Dina Salústio não dramatizam mais a condição da insularidade, o eterno drama do ilhéu dividido entre o partir e o ficar, que marcou toda a formação da literatura cabo-verdiana, ou o anti-evasionismo defendido pelos escritores pós-claridosos. Contudo, seus textos, atestando a maturidade da literatura cabo-verdiana, promovem uma releitura da história literária do arquipélago, ao mesmo tempo em inovam a ficção cabo-verdiana, redimensionando o papel do narrador comprometido com o diálogo e com o intercâmbio das experiências.

(Entregue para publicação em Março/2007,
Aprovado em Abril/2007)

REFERÊNCIAS

- BENJAMIN, Walter. “O narrador” In: *Obras escolhidas. Magia e Técnica, Arte e Política*. Vol. 1, 2^a. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- CHABAL, Patrick. *Vozes moçambicanas: literatura e nacionalidade*. Lisboa: Vega, 1994.
- GOMES, Simone Caputo. “Mulher com paisagem ao fundo”. In: *África e Brasil: Letras em Laços*. SEPÚLVEDA, Maria do Carmo e SALGADO, Maria Teresa (org.). São Paulo: Atlântica, 2000.
- SALÚSTIO, Dina. *Mornas eram as noites*. Praia: Instituto caboverdiano do livro e do disco, 1994.
- SALÚSTIO, Dina. “Insularidade na literatura cabo-verdiana” In: *Cabo Verde: insularidade e literatura*, org. Manuel Veiga, Paris: Karthala, 1998, p 33.
- SANTIAGO, Silviano. “O narrador pós-moderno” In: *Nas malhas das letras*, São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- SANTOS, Sonia Maria. *A Oportunidade do Grito em Mornas eram as Noites, de Dina Salústio*. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal Fluminense, 1997.
- TODOROV, Tzvetan. *Nous et les autres. La reflexion française sur la diversité humaine*. Paris: Editions du Seuil, 1989.